



A Constituição Da Identidade Negra Através Da Comunicação: O Caso Do Quilombo Itamatatiua-Maranhão¹

Wesley Pereira GRIJÓ²

Rosa BERARDO³

Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

RESUMO

Este estudo aborda o processo de comunicação oral na construção da identidade negra na comunidade quilombola de Itamatatiua, no município de Alcântara-Maranhão. Faz-se uma análise das narrativas contadas pelos diversos atores sociais (anciões) da comunidade, identificando, inclusive as formas de agrupamentos que aquelas pessoas fizeram com as histórias. Através de pesquisa de campo identifica-se a comunicação oral como fundamento do processo de memória e identidade de Itamatatiua.

PALAVRAS-CHAVE: Processo de comunicação oral. Narrativas. Cultura. Identidade negra. Itamatatiua.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho trazemos para discussão um problema que permeia hoje as pesquisas tanto no campo da comunicação quanto no campo da cultura: a identidade. Atualmente, com a presença cada vez maior das mediações nas vidas das pessoas, as identidades dos sujeitos já não são imutáveis como nos períodos anteriores. Fala-se inclusive de uma identidade moderna, identidade pós-moderna, dependendo da visão de mundo do pesquisador. Na prática, os estudos apontam para uma série de identidades, o que as definem é o contexto em que os sujeitos se situam, onde criam seus valores e suas simbologias.

Este estudo converge ainda com a tendência das ciências sociais em buscar cada vez mais suprir suas pesquisas com abordagens nos grupos sociais marginalizados, o que por muito tempo foi subjugado pelos estudos acadêmicos. Entendemos que a comunicação também não se pode deixar dominar somente por um ramo de investigação científica, como ocorre em muitas linhas de pesquisa nos centros

¹ Trabalho apresentado no NP Comunicação para a Cidadania do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, bacharel em Comunicação Social (Rádio e TV) pela Universidade Federal do Maranhão, email: wgrijo@yahoo.com.br.

³ Orientadora. Professora doutora (Universidade Paris III) do programa de pós-graduação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, email: rosa@rosaberardo.com.br.



acadêmicos. Privilegiar apenas os estudos que abordam somente os grandes meios de comunicação – jornal impresso, rádio, televisão e a agora a Internet – em detrimento a outras possibilidades de pesquisas, seria uma forma de negligenciar o conhecimento.

2. AS RELAÇÕES ENTRE A COMUNICAÇÃO E A CULTURA

As relações da comunicação e com a cultura estão situadas no que se chama atualmente em interfaces entre as áreas de conhecimento. Entre campos especializados, como os estudados neste trabalho, as interfaces se caracterizam normalmente com uma interdisciplinaridade, na qual os campos trazem suas especificidades para um objeto de interesse comum, segundo afirma José Luiz Braga e Regina Calazans (2001). Este espaço de conhecimento criado pela interface tende a desenvolver um campo interdisciplinar específico – que é, portanto, uma especialização possível partir de qualquer um dos campos de origem.

A comunicação e a cultura são campos sociais abrangentes, que tendem a absorver e a subjugar todos os assuntos a suas perspectivas peculiares e ao espaço de suas metas e processos. Delimitar a interface desses dois campos apenas pela razão da interdisciplinaridade torna a questão insuficiente. A interface, neste caso, em vez de apenas gerar um campo específico na “fronteira” de conhecimento, tendencialmente penetra os dois campos, solicitando reconsiderações em largas porções de suas práticas e seus conceitos.

Para Douglas Kellner (2001), cultura é uma forma de atividade que implica alto grau de participação, na qual as pessoas criam sociedades e identidades. A cultura serve para modelar os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade. Indo mais além, o pesquisador aponta que a sociedade e a cultura são terrenos de disputa e de que as produções culturais nascem e produzem efeitos em determinados contextos. Todo este processo estaria atrelado ao processo de comunicação, quer seja num contexto de comunicação dos grandes mídias, até uma comunicação em proporções menores, como por exemplo, a processo de transmissão de conhecimento feito pela comunicação oral em comunidades rurais quilombolas, como é o caso de Itamatatiua, no município de Alcântara.

Assim, Kellner considera a distinção entre cultura e comunicação algo arbitrário e rígido, devendo ser desconstruída. Ele aponta que essa questão serve tanto a cultura tomada como produtos da cultura superior, como os modos de vida ou mesmo como



contexto do comportamento humano. Em todos estes contextos, segundo Kellner, haverá sempre uma ligação com a comunicação. Para este autor, “toda cultura, para se tornar um produto social, portanto, ‘cultura’, serve de mediadora da comunicação e é por esta mediada, sendo, portanto comunicacional por natureza” (KELLNER, 2001 p. 53).

Sabe-se a partir dos estudos com este dois campos, os pesquisadores indicam que a comunicação é mediada pela cultura, sendo um modo pelo qual a cultura é disseminada, realizada e efetivada. Kellner vai mais além e afirma que “não há comunicação sem cultura e não há cultura sem comunicação”. Este pesquisador refuta a distinção rígida que algumas pessoas fazem entre a comunicação e a cultura, quando justificam que um dos lados é objeto legítimo de um estudo disciplinar, enquanto o outro é relegado a uma disciplina diferente. Concordando com Kellner, este trabalho considera os dois campos como conhecimentos que se completam, uma vez que a existência de um está vinculada à presença do outro. Por essa razão, a memória é tratada aqui não apenas como um elemento constituinte de um povo, mas como elemento da comunicação dessa comunidade. Neste sentido, é válido usar aqui o pensamento de Kellner quando diz que essa divisão fixa que se faz nos estudos da comunicação e da cultura “constitui um excelente exemplo de miopia e da futilidade das divisões acadêmicas arbitrárias ao trabalho”.

As relações entre comunicação e cultura, segundo José Luiz Braga (2001), podem ser observadas quando a cultura não se percebe mais como cultura, ou seja, quando um gesto não pode ser mais justificado como se fosse “natural”. Para ele, numa situação como esta já não se pode pensar essas relações apenas sob a ótica da cultura, mas também pelos pressupostos teóricos da comunicação. Na prática, o autor argumenta que em um contexto como esse, deve-se conceber cultura não mais “enquanto modo de ser, mas cultura enquanto comunicação”.

Nos estudos nesta área Braga indica uma perspectiva dessa relação a partir do que ele chama de “auto-explicação do gesto cultural”, isto é, quando os sujeitos ou grupos já não se movimentam somente nas estratégias de interação “dentro” das regras subjugados pela tradição e pelos hábitos. Para este autor, o “gesto da cultura” – fala, dança, criação, comportamento – não pode ser interpretado apenas como movimento de participação e de identificação do indivíduo da comunidade, sendo também expressão consciente de uma identificação, ou seja, disso tudo decorrem questões que para a comunicação devem ser consideradas como “questões de comunicação”.



3. A COMUNIDADE DE ITAMATATIUA

A comunidade de Itamatatiua (água, peixe e terra, na língua indígena) ou Tamatatiua, localizada no município de Alcântara, no norte do Estado do Maranhão, está inserida na categoria de "Terras de Pretos" e "Terras de Santo". Isso se deve por que, diferentemente de outros quilombos no Estado, Itamatatiua não foi uma comunidade surgida exclusivamente pelos chamados "escravos fujões". A comunidade está na categoria de "Terra de Pretos" por que o quilombo pertencia a uma ordem religiosa, cujos membros tiveram que abandonar as terras, ficando todo um latifúndio sob o controle dos negros. Além disso, as terras pertencem a Santa Tereza d'Ávila e, por esta razão, é considerada uma "Terra de Santo", como outras existentes no Maranhão.

Atualmente, Itamatatiua é um dos quilombos mais conhecidos no Maranhão, sendo comunidade quilombola de fato, uma vez que os moradores do local estão lá desde o Brasil Colônia, conforme comprovam os registros históricos; e de direito, pois recebeu reconhecimento do governo federal como área remanescente de quilombo, como ampara a Constituição Federal de 1988.

Dados oficiais produzidos a partir de relatórios da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos apontam que Itamatatiua teve origem com a desagregação de uma antiga fazenda escravista pertencente à Ordem Carmelita. Os negros residentes na localidade são descendentes dos antigos camponeses negros que ali moravam. As pessoas se autodenominam como originários dos pretos de Santa Tereza, denominação pela qual são socialmente reconhecidos, isso por que, segundo a crença popular, os moradores da comunidade provêm de um casal de negros doado à imagem de Santa Tereza d'Ávila por uma família rica no Período Colonial. Apesar de não saberem o nome do negro, as pessoas de Itamatatiua se reconhecem como originários dos filhos da negra Margarida Pestana. As terras que compõem a comunidade de Itamatatiua abrangem 15 povoados (Mocajituba, Tubarão, Goiabal, Raimundo do Sul, Buritirana, Mojó, Barroso, dentre outros) com 55 mil hectares, que fazem parte também dos municípios de Bequimão e Peri-Mirim.

As cerca de 300 (trezentas) famílias da comunidade de Itamatatiua vivem basicamente da pesca, da coleta de alimentos, do babaçu e da produção de arroz. A fonte de renda principal da comunidade advém, principalmente, da cerâmica produzida pela Associação de Mulheres, sendo o produto cultural mais conhecido do local,



exportado para diversas partes do país e do mundo.

O contexto atual de Itamatatiua a tornou um ambiente *sui generis* para o desenvolvimento de pesquisas sobre a comunicação oral e construção da identidade negra. A comunidade ainda mantém vivos elementos característicos dos antigos quilombos, como por exemplo, a constituição das casas, formada, mesmo que em menor quantidade, com palhas de coqueiras. Os laços consangüíneos ainda persistem no local, com relações familiares ainda fortes e ditando as regras da comunidade. Outra semelhança com antigos quilombos é presença de um líder, no caso uma mulher, a quem todos respeitam e admiram. Em Itamatatiua, essa figura é representada pela responsável por guardar a “pedra” (pedaço de concreto talhado pelos carmelitas que comprova o pertencimento do latifúndio à santa), a imagem de Santa Tereza d’Ávila e a igreja. Essa liderança se transmite de forma hereditária desde a época da partida dos padres carmelitas, atualmente essa responsabilidade é da senhora Eloísa de Jesus. Outra liderança é a da presidente da Associação de Mulheres, considerada a liderança máxima, haja vista controla a produção do artigo mais importante da comunidade: a cerâmica de Itamatatiua. Neste caso, a liderança é alcançada através de eleição entre as mulheres.

O difícil acesso à Itamatatiua afasta o quilombo dos estudos científicos ou mesmo que obtenha melhorias nas condições de vida dos moradores, provindas a partir de políticas públicas. A quase total falta de comunicação com outras comunidades ou mesmo com a zona urbana ajudou Itamatatiua a conservar os traços sócio-culturais da época dos antepassados. A evolução das relações sociais e tecnológicas foi retardada devido ao difícil acesso ao local e à falta de melhorias por parte dos órgãos competentes para a comunidade.

Itamatatiua está vivendo atualmente uma fase de transição. Antes, a comunicação na comunidade era feita de forma totalmente interpessoal. Os conhecimentos e tradições eram - e ainda são - transmitidos através da comunicação oral através dos contos, histórias, anedotas, lendas etc. Diferentemente do que ocorre no mundo globalizado, onde as relações pessoais são mediadas pelos mídias, em Itamatatiua, a comunicação ainda deixa espaço para as relações interpessoais. Com isso, a manutenção da cultura e identidade negra se faz através de interações dentro da própria comunidade. O modo de vida, as relações sociais, a linguagem, as manifestações culturais e o trabalho, tudo isso ainda permanece com poucas influências de comunidades externas, da zona urbana.

As pessoas obtêm o conhecimento do passado, ou mesmo das mudanças atuais,



por meio da comunicação oral, das narrações dos próprios moradores, como os anciões que detêm informações sobre o passado da comunidade, ou de pessoas que saíram da comunidade e obtiveram contato com os acontecimentos externos à localidade. Atualmente, em Itamatatiua, observam-se as mais diversas formas de comunicação, que vão desde a tradição oral até a presença dos meios de comunicação de massa, principalmente a televisão e, em menor escala, o rádio.

Essa comunicação oral na comunidade serve para a transmissão de manifestações culturais e religiosas, histórias e crenças e valores que ultrapassaram o tempo na memória das pessoas. Preservada por esta forma de comunicação, a história das comunidades remanescentes dos antigos escravos é contada pelas tradições, festas religiosas e manifestações folclóricas. São formas de comunicação tradicionais que ainda resistem, apesar do impacto dos meios de comunicação de massa, desempenhando a sua função social. Das conversas do lado de fora da casa, dos versos que os mais velhos sabem de cor, das histórias contadas pelos anciões, lendas e crenças, permanece o processo de comunicação, que não está ligado ao sistema de transmissão/recepção entre meios de comunicação e pessoas, mas sim à interação social entre os indivíduos da comunidade com seu passado, visando preservá-lo para o conhecimento das futuras gerações.

4. A COMUNICAÇÃO ORAL EM ITAMATATIUA

Na comunidade quilombola de Itamatatiua transitam, atualmente, as mais diversas formas de comunicação, sendo o alvo deste estudo apenas a comunicação oral. A partida pesquisa de campo, verificou-se que esse processo de comunicação, sistematizado pela chamada tradição oral, tem sua origem nas manifestações culturais e religiosas, história oral, crenças, que ultrapassaram o tempo e preservaram uma organização de limites incertos e mágicos, sendo as narrativas passadas de geração a geração na materialização desse processo.

Essas narrativas foram preservadas oralmente pelo povo, dentro do processo de folkcomunicação, como definem alguns autores. Um dos defensores dessa corrente, Luiz Beltrão, define folkcomunicação como uma comunicação em sentido paralelo que se estabelece entre as pessoas dentro de determinado grupo social.

Essa comunicação oral preservou ao longo dos anos as histórias de Itamatatiua, ou seja, sua memória, a partir das tradições, das festas religiosas e das manifestações



folclóricas. Apesar da atual presença dos meios de comunicação de massa, como a televisão e o rádio, as narrativas em Itamatatua permanecem como formas de comunicação tradicionais e ainda resistem ao impacto dos mídias eletrônicos, visto que desempenham uma função social na comunidade. A partir das conversas do lado de fora da casa, nas casas de farinhas, na igreja, na casa de produção de cerâmica, dos versos que os anciões sabem de cor, histórias pelos parentes já falecidos, das lendas e das crenças solidificando-se assim o processo de comunicação oral. No caso, uma comunicação sob o ponto de vista da tradição, da memória e que forma a identidade de toda uma comunidade, como é o caso de Itamatatua.

Michel de Certeau (1994) diz que as narrativas se desdobram, como o jogo, num espaço excetuado e isolado das competições cotidianas, do maravilhoso, do passado, das origens. Para ele, nas narrativas podem expor-se, vestidas como deuses ou heróis, os modelos dos gestos bons ou maus utilizáveis no cotidiano. Certeau diz ainda que uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem freqüentemente as relações de força e, com as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico. “Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida. Essas histórias “maravilhosas” oferecem a seu público (ao bom entendedor, um cumprimento) um possível de táticas disponíveis no futuro” (CERTEAU, 1994 p. 84-85).

A interação comunicacional se faz presente nas conversas informais e nas formas de expressão cultural em Itamatatua. Neste contexto de comunicação oral, os moradores da comunidade lembram que as narrativas eram contadas principalmente em dois momentos sociais: nos velórios e nos feriados de Dia de Finados. A saudação à memória dos entes mortos servia, e ainda serve, para trazer à tona as narrativas históricas de Itamatatua, mas que isso, solidifica a comunicação oral na comunidade.

Toda vez que alguém morria, o povo se reunia com os mais velhos para falar sobre as histórias daqui. A mesma coisa ocorria no Dia de Finados...se reunia todo mundo em volta da igreja, se fazia uma fogueira e se contava as histórias. Os mais velhos contavam como as coisas começaram aqui. (Entrevista com Honorato de Jesus, 2007)

Nessa forma de comunicação, as narrativas deixam de ser parte apenas do imaginário, da chamada esfera íntima, e passam a ser discutidas na coletividade, fazendo parte do mundo comum, da comunicação coletiva. Assim, desse povo quase



ágrafo, cuja cultura escrita demorou anos para chegar à comunidade, floresceram as ricas histórias que fazem parte da cultura afro-brasileira.

Na comunidade de Itamatatiua, a comunicação oral faz parte da vida dos moradores, num processo de interface entre a comunicação e a cultura, visto que todas as pessoas com mais idade sabem contar história. Contam devagar, lembrando cada detalhe, desenhando ludicamente imagens mímicas com as mãos. Os detalhes ajudam a compor a atmosfera mística em muitas narrativas. Nesse contexto é essencial a figura do narrador, ou seja, as pessoas responsáveis pela transmissão de conhecimento, cultura, tradição e comunicação a partir das narrativas da comunidade. Em Itamatatiua, este papel é assumido freqüentemente pelas pessoas mais velhas, cujo arcabouço de experiências lhes tornam aptas para serem referência sobre as histórias da comunidade. No processo de comunicação oral, essas pessoas servem como emissores, contudo, anteriormente foram receptoras desse mesmo processo, que ocorre de forma similar à concepção de processo de comunicação baseada em diálogo de Paulo Freire, ou seja, ocorre de forma dinâmica.

Nesta questão é importante a contribuição de Walter Benjamin (1986) sobre a importância do narrador, aqui entendido também emissor, para uma comunidade como é o caso de Itamatatiua. Segundo este autor, as experiências transmitidas entre as pessoas revelam uma fonte em que todos os narradores embebedam-se. Segundo Benjamin, as narrativas repassadas pelo contador “tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa atitude pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida.” (BENJAMIM, 1986, p. 200).

Walter Benjamin concebe o narrador como um conselheiro, o que na prática pode ser compreendido como um homem que sabe dar conselho e que é capaz de tirar das narrativas sabedoria e envolver de tal forma seus ouvintes, fazendo seu companheiro de história. Por essa concepção de Benjamin, o processo de comunicação oral numa comunidade como Itamatatiua é totalmente dinâmico entre os sujeitos envolvidos, uma vez que há liberdade no ato de contar as narrativas, assim como na forma de interpretá-las, com vêm sendo feito ao longo dos anos, mesmo havendo o domínio de uma “memória dominante”, conforme foi explanado em capítulo anterior.

Para Benjamim, o papel do narrador está enraizado no conhecimento popular. Ele se apresenta como um lapidador, que figura entre os mestres e os sábios. Aquele



que, na sua arte de narrar, de dar conselho, fala sobre muitas coisas, como um sábio, dominando um acervo de toda uma vida. Com tanta maestria, esse tipo de narrador, conforme Benjamim define, no mundo de hoje, está cada vez mais difícil de ser encontrado, pois o homem moderno vem ao longo de sua trajetória histórica desaprendendo a deixar-se influenciar pela sabedoria popular e, principalmente, usar a comunicação oral e a memória como meio de transmissão desse conhecimento. Este cenário poderá ser o futuro de Itamatatiua com a maior presença dos meios de comunicação eletrônicos.

5. AS NARRATIVAS DE ITAMATATIUA

Durante os trabalhos de campo realizados em Itamatatiua, verificou-se a existência de três grupos de narrativas constantes na memória dos anciões da comunidade. É a partir desses três grupos que está estruturado o processo de comunicação oral da localidade. São esses grupos de narrativa também que fazem parte do processo de comunicação estudado neste artigo. Neste sentido, as narrativas enfatizam a tradição cultural da comunidade de Itamatatiua, que, segundo Marco Aurélio Luz (2000), influenciam na harmonia daquele grupo social.

Os contos constituem um aspecto de textos místicos e acontecimentos históricos que, marcados por sua intemporalidade narrativa e sua característica fantástica de representações, reforçam e ensinam os padrões e valores indicativos dos comportamentos necessários à coesão do grupo. Transmitidos de forma direta, interdinâmica, pessoal, inter-pessoal, os contos narrados pelos mais velhos aos mais jovens transmitem também a força da fala resultante das vibrações e circulação do axé contido na palavra de quem a pronuncia, unindo o poder da palavra da tradição ao poder dos valores de continuidade das gerações (LUZ, 2000 p. 501-502)

O primeiro grupo diz respeito ao número de histórias surgidas a partir da devoção das pessoas à Santa Tereza d'Ávila, cujo exórdio remonta a própria origem do quilombo e de seus moradores. Este primeiro grupo de narrativas apontado reflete muito o caráter de fé e religiosidade dos "filhos da Santa", como bem são denominadas as pessoas de Itamatatiua. Durante as reuniões com o grupo focal, com os anciões e pessoas indicadas pelas lideranças da comunidade, ficaram evidentes a participação da Santa nos contos transmitidos dentro da comunidade.

Segundo os relatos, teria ela, antes de morrer e ser beatificada, pedido para morar num local bem pobre. A solicitação da santa espanhola teria sido atendida quando



os padres da Ordem Carmelita se fixaram nas terras de Itamatatua. Os moradores contam, e por consequência, acreditam, que devido o desejo de Santa Tereza, a comunidade sempre será uma comunidade sem muitos recursos, uma vez que a vontade da divindade é permanecer num local pobre.

Os mais velhos sempre diziam que Santa Tereza quando vivia falava que queria morar no local mais pobre e junto com os pretos. Foi por isso que ela foi trazida pra cá pelos carmelitas. Desde disso ela fica aqui, ajudando o povo pobre daqui, por isso nunca faltou nada. Pode não ter fartura, mas também ninguém passa fome com em outros lugares. (Entrevista com Neide de Jesus, 2007)

Ainda neste grupo de narrativas, há aquelas originadas a partir da luta contra algum forasteiro que tentou tirar proveito da comunidade ou afastar a santa de seus "filhos". Pelas histórias, qualquer pessoa que tenha tentado fazer mal à comunidade ou à santa foi alvo de alguma “maldição”, na prática, à morte.

Verificou-se ainda que as narrativas buscam valorizar as pessoas da comunidade, como forma de compensar a opressão a qual seus antepassados foram vítimas devido serem descendentes de escravos negros, ou mesmo pelo preconceito que sofreram por serem posseiros de uma terra cuja propriedade é atribuída à igreja católica e a uma santa. Em vista disso, conforme aponta Leda Maria Martins (2006), em estudo sobre a oralidade das narrativas dos negros, há nas histórias uma exaltação da força da fé negra em contraposição aos inimigos, geralmente pessoas de fora do quilombo ou brancos.

Nas narrativas há um evidente jogo sógnico entre olhar e ver, querer e poder, submissão e resistência, passividade e transgressão, transparência e ocultamento. Na fabulação do narrado os sintagmas ver, poder, resistir, insistir e lutar são atributos do negro em oposição ao branco que olha, quer, agride e é vencido. O branco quer entronizar a santa, mas ela se senta nos tambores negros. Fazendo-se agente de ações afirmativas que transgridem a ordem do sistema opressor, o negro esvazia, de modo indireto, a superposição do tributo passivo da divindade, reinvestindo-a de seu sentido primevo, o da luta e do combate (MARTINS, 2006 p.74).

O segundo grupo de narrativas surgiu a partir das histórias sobre figuras do folclore brasileiro, contudo, neste caso, a comunidade ao longo dos anos adequou essas narrativas de acordo com sua realidade, com suas simbologias, tendo assim assumido características peculiares ao contexto de Itamatatua.

Como exemplos, podem ser citadas as construções imagéticas do lendário Curupira e da Mãe d'Água. O primeiro assumiu características de um menino negro, sendo igual à figura conhecida no restante do país por causa dos pés virados para trás. Já



a Mãe d'Água assumiu aparência de uma mulher próxima a imagem da Santa: "Bonita, loira dos olhos azuis", como dizem as habitantes da comunidade. As análises das entrevistas verificou-se que os dois personagens são exímios exemplos de construção e negação da identidade negra mediados pelo processo de comunicação oral.

Ao mesmo tempo em que o Curupira toma para si características dos moradores da comunidade para se inserir no contexto local, a Mãe d'Água possui semelhanças com a maior divindade local. Nesta construção física das figuras folclóricas, há a construção de valores sobre o universo da cultura negra. As entrevistas apontam adição de carga negativa ao Curupira, visto como moleque, sagaz, pícaro; enquanto a figura folclórica feminina é atribuída uma carga positiva ao ser comparada com a santa.

O terceiro e último grupo de narrativas diz respeito a princípios deontológicos da comunidade, às regras para convivência em harmonia com a natureza, refletindo ainda um medo a se ter do que não é de senso dos moradores. É o caso da história de uma grande pedra localizada em cima de um morro, cuja origem é anterior à fixação dos negros na localidade. Por ser algo ainda desconhecido para as pessoas, a visita até a pedra é tida como algo digno de punição, contudo os moradores não sabem quem é algoz desse castigo. Nesse mesmo grupo de narrativas, está a lenda do poço onde as pessoas buscam água potável, o chamado Poço do Chora. Lá, segundo os anciões, deve-se pedir licença para a retirada da água, caso contrário "algo de ruim pode ocorrer". A permissão seria dada por um sapo que habita o local e pela Mãe d'Água.

Mas do que serem histórias sobre a comunidade de Itamatatua, as narrativas expressam o poder da comunicação oral na comunidade e como esse processo comunicação atua na mediação de transmissão de conhecimento, de cultura e tradição, sendo um fator determinante na preservação e na construção da identidade daquelas pessoas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para as considerações finais deste trabalho, mas uma vez é necessário se apontar a necessidade da comunicação ir buscar seu “objeto” em outras áreas de conhecimento, sendo esta pesquisa mais um desses exemplos. No caso deste estudo, a pretensão foi abordar como conceitos de identidade e de memória mantêm relação com o campo da comunicação e a necessidade destes conceitos para referendá-la num contexto como em Itamatatua. A pretensão é provocar uma discussão, reflexão e mostrar que a formação



da memória e identidade prescinde o processo de comunicação oral e face a face.

Em relação aos processos de construção de identidade do grupo social pesquisado, percebe-se que a comunicação exerce um papel crucial nesta construção de identidade, visto que ela serviu como mediadora das questões culturais na comunidade, representadas aqui pelas narrativas feitas a partir do processo de comunicação oral.

Nesta pesquisa realizada junto à comunidade de Itamatatiua, é possível confirmar a existência de um sistema específico de comunicação entre os grupos marginalizados da população, apesar das formas arcaicas e rudimentares, que cumpre o papel de informar e imprimir opiniões. Apesar de estarem começando a viver o mundo dos mídias eletrônicos, a comunicação oral em Itamatatiua constitui um patrimônio predominante junto a essa comunidade. Através dessa pesquisa pode-se verificar os valores sociais, religiosos e educacionais veiculados pela forte presença da oralidade, e, principalmente como esse patrimônio foi bem utilizado para construir, manter e ressignificar a identidade étnica dessa comunidade.

Através da comunicação oral, os negros de Itamatatiua se reeducaram, se reconstruíram, reorganizaram uma sociedade própria, construíram sua identidade étnica alicerçada nos segredos seculares preservados pela memória coletiva e repassados pela tradição oral. Isso por que a memória transmitida nesse processo de comunicação oral privilegiou as lembranças dominantes na comunidade. Essa comunicação oral, além de fortalecer relações entre pessoas e comunidades criou uma rede de transmissão de conhecimento. Essa relação de aprendizagem informal é importante na estruturação e consolidação da cultura do grupo. Contudo, numa comunidade onde a cultura da escrita ainda não tem a mesma influência como nas zonas urbanas, esses conhecimentos veiculados pela comunicação oral têm o mesmo peso e importância que os conhecimentos formais da escola.

O ato de contar histórias (comunicação) em Itamatatiua serve como instrumento de transmissão, de experiências que a comunidade adquiriu ao longo do tempo. Essa comunicação oral estimula os laços de solidariedade e integração social que sustentaram e sustentam essa memória coletiva. Os contadores/emissores assumem também o papel de ajudar a manter o laço social da comunidade. Assim, a comunicação assume papel primordial nas relações sociais em Itamatatiua. Ao manter viva a história dessa comunidade, ela garante também a solidificação da manutenção da identidade negra em Itamatatiua, onde as formas cotidianas se baseiam neste processo de comunicação oral. Aqui, o processo de comunicação toma outro sentido, não pode ser concebido conforme



o modelo dos grandes mídias, a comunicação é interpessoal, está presente no cotidiano daquelas pessoas, na produção da cerâmica, na devoção à santa, nas reuniões.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Ed. Cortez, 1980.

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. Consideração sobre a obra de Nicolai Leskov, In: **Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política - Ensaio sobre leitura e história de Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRAGA, José Luiz. Constituição do campo da comunicação. IN: **Campo da comunicação: caracterização, problematizações e perspectivas**. NETO, Antônio Fausto et al.(org). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2001.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Entrevistas DE JESUS, Honorato. Entrevista concedida a Wesley Pereira Grijó. 2007.

Entrevistas DE JESUS, Neide. Entrevista concedida a Wesley Pereira Grijó. 2007.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente: identidade em construção**. São Paulo: EDUC: Rio de Janeiro, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia: Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MARTINS, Leda Maria. A oralitura da memória. IN: **Brasil afro-brasileiro**. (org): Maria Nazareth Soares Fonseca. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NETO, Manuel dos Santos. **O negro no Maranhão: a trajetória da escravidão, a luta por justiça e por liberdade e a construção da cidadania**. São Luís, 2004.



RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

SANTOS, José Luís. **O que é Cultura**. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SMDH/CCN-MA/PVN. **Vida de Negro no Maranhão: uma experiência de luta, organização e resistência nos territórios quilombolas**. Coleção Negro Cosme Vol. IV. São Luís-MA 2005.